

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO FENÔMENO GRAMATICAL NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA

Darkyana Francisca IBIAPINA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da COSTA

Universidade Federal do Piauí

Resumo: Na perspectiva da Sociolinguística Educacional, compreendemos que as diferentes ações, concepções e práticas pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa podem contribuir para um melhor desempenho linguístico dos alunos ou fazê-lo suprimir. Assim, o objetivo deste estudo consiste em analisar, nas práticas pedagógicas de professores do Ensino Médio, o tratamento dado à variação linguística e aos aspectos gramaticais em aulas de Língua Portuguesa de uma escola pública do estado do Piauí. Para tanto, fundamentamo-nos em estudos de autores como: Bortoni-Ricardo (2005, 2017); Bortoni-Ricardo e Rocha (2020); Costa (2000); Faraco (2008); Vieira (2017) e outros. Este trabalho é parte de nossa pesquisa de doutorado, cuja metodologia é de natureza qualitativa, de abordagem etnográfica, fundamentado na Sociolinguística. Dentre outros resultados, percebemos que embora as professoras afirmem que reconhecem a variação como fenômeno inerente à língua, observamos que sua abordagem nas aulas ainda é muito limitada, tratando-se mais especificamente da variação regional e das diferenças entre oralidade e escrita, como fazem os livros didáticos. Não há, por exemplo, uma relação com os temas gramaticais variáveis, o que favorece um ensino centrado na transmissão de regras, de nomenclatura e de conceitos da gramática normativa descontextualizados.

Palavras-Chave: Ensino médio. Gramática. Língua Portuguesa. Variação linguística.

THE TREATMENT OF LINGUISTIC VARIATION AND GRAMMATICAL PHENOMENON IN MOTHER TONGUE CLASSES

Abstract: From the perspective of Educational Sociolinguistics, we understand that the different actions, conceptions, and pedagogical practices of Portuguese language teachers can contribute to improving or suppressing the students' linguistic performance. Thus, considering the pedagogical practices of high school teachers, the objective of this study is to analyze the treatment given to linguistic variation and grammatical aspects in Portuguese language classes at a public school in the state of Piauí. For this purpose, we base this research on the theoretical

framework developed by Bortoni-Ricardo (2005, 2017), BortoniRicardo and Rocha (2020), Costa (2016), Faraco (2008, 2015), Vieira (2017), and others. This study results from our doctoral dissertation and utilizes qualitative research by employing an ethnographic approach based on Sociolinguistics. Among other results, we notice that although the female teachers affirm that they recognize variation as a phenomenon inherent to language, we observe that their approach in the classroom is very limited. It deals more specifically with regional variation and the differences between orality and writing, as do the coursebooks. There is, for instance, no connection to variable grammatical themes, which favors a teaching methodology centered on the transmission of rules, nomenclature, and decontextualized concepts of normative grammar.

Keywords: High school. Grammar. Portuguese language. Linguistic variation.

EL TRATAMIENTO DE LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA Y EL FENÓMENO GRAMÁTICO EM LAS CLASES DE LENGUA MATERNA

Resumen: Desde la perspectiva de la Sociolingüística Educacional, entendemos que las diferentes acciones, concepciones y prácticas pedagógicas de los profesores de Lengua Portuguesa pueden contribuir para un mejor desempeño lingüístico de los estudiantes o suprimirlo. Así, el objetivo de este estudio es analizar, en las prácticas pedagógicas de profesores de Enseñanza Media, el tratamiento dado a la variación lingüística y aspectos gramaticales en las clases de Lengua Portuguesa de una escuela pública del estado de Piauí. Para ello, nos apoyamos en estudios de autores como: Bortoni-Ricardo (2005, 2017); Bortoni-Ricardo y Rocha (2020); Costa (2000); Faraco (2008); Vieira (2017) y otros. Este trabajo forma parte de nuestra investigación doctoral, cuya metodología es de carácter cualitativo, con enfoque etnográfico, fundamentada en la Sociolingüística. Entre otros resultados, percibimos que aunque las profesoras afirmen que reconocen la variación como fenómeno inherente a la lengua, observamos que su abordaje en las clases aún es muy limitado, tratándose más específicamente de la variación regional y de las diferencias entre oralidad y escritura, como hacen los libros didácticos. No existe, por ejemplo, una relación con temas gramaticales variables, lo que favorece una enseñanza centrada en la transmisión de reglas, de nomenclatura y de conceptos gramaticales normativos descontextualizados.

Palabras claves: Enseñanza Media. Gramática. Lengua Portuguesa. Variación lingüística.

1. INTRODUÇÃO

A forma como a variação/diversidade linguística e as categorias gramaticais são abordadas em sala de aula ainda impõe desafios constantes ao trabalho do professor de Língua Portuguesa. Não há dúvidas de que as decisões sobre como tratar esses fenômenos ainda estão fortemente arraigadas a razões históricas e culturais que levam alguns docentes a trabalhar, por exemplo, com a gramática prescritiva, por excelência, desconsiderando as questões de ordem variável e social. É preciso considerar ainda que todas essas questões são resultado dos processos de formação inicial e contínua pela qual passam esses profissionais e que também

influenciam suas crenças e concepções sobre língua e ensino de língua e, conseqüentemente, sua forma de abordagem dos fenômenos linguísticos em sala de aula.

Pesquisadores como Faraco (2008, 2015), Cyranka (2015) e outros atestam em seus estudos relativos ao ensino de língua que no Brasil se apresenta um cenário com problemas de várias ordens: os professores usam uma variedade de língua que os alunos não compreendem e vice-versa; têm dificuldade em definir quais saberes gramaticais devem ser efetivamente ensinados; não consideram as práticas sociais de letramento dos alunos; não abrem espaço para a manifestação da fala, portanto só eles têm sempre o direito à palavra sem haver interlocução. Diante desse contexto, delineamos o objetivo deste estudo, o qual consiste em analisar, a partir das práticas pedagógicas de professores do Ensino Médio, o tratamento dado à variação linguística e aos aspectos gramaticais em aulas de Língua Portuguesa de uma escola pública do estado do Piauí. Para tanto, fundamentamo-nos em estudos de autores como: Costa (2000); Bortoni-Ricardo (2005, 2017); Faraco (2008); Bortoni-Ricardo e Rocha (2020); Vieira (2017) e outros.

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, do tipo etnográfica, fundamentada na Sociolinguística Educacional. As nossas análises permitiram perceber que, embora as professoras afirmem reconhecer a variação como fenômeno inerente à língua, ainda realizam uma abordagem limitada, tratando-se mais especificamente da variação regional e das diferenças entre oralidade e escrita, como fazem os livros didáticos. Não há, por exemplo, uma relação com os temas gramaticais variáveis, o que favorece a manutenção de um ensino centrado na transmissão de regras e de conceitos da gramática normativa sem promover reflexões, análises e comparações entre as diferentes variedades usadas efetivamente no país.

2. O CONCEITO DE VARIAÇÃO/DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A compreensão do conceito de variação/diversidade linguística na relação com a complexa realidade sociolinguística brasileira é fundamental para uma mudança de postura e da abordagem do fenômeno em sala de aula, haja vista que uma prática pedagógica fundamentada nos preceitos sociolinguísticos pode contribuir, inclusive, para combater a crença de que variação é desvio, “erro crasso”, como atestam alguns juristas e gramáticos. Desse modo, os estudos da

realidade sociolinguística brasileira e dos fatores que contribuem para a diversidade linguística do português brasileiro constituem uma exigência para subsidiar o ensino de língua.

Apesar da enorme extensão territorial do Brasil, a diversidade linguística não se deve apenas às diferenças étnicas ou regionais, mas principalmente às diferenças sociais. Para Costa (2000), por exemplo, são, sobretudo, os fatores relacionados a diferenças socioculturais, tais como os aspectos econômicos, profissionais, educacionais, dentre outros, os responsáveis pela diversidade mais significativa na variedade da Língua Portuguesa no Brasil. Além destes, acrescenta a autora, a diversidade certamente relaciona-se com os modos de vida, com costumes, crenças, valores e tradições predominantes nos diferentes grupos sociais.

O entendimento de que a heterogeneidade linguística, inerente e sistemática, está presente em qualquer comunidade de fala, foi o que estimulou Weinreich [1926-1967] e seus colaboradores, em especial Labov, a constituir as bases dos estudos sociolinguísticos na década de 1960 (BORTONI-RICARDO, 2017). Para Labov (1972), o objetivo central da Sociolinguística está na demonstração de que existe uma sistemática de covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social. Assim, o autor, considerando a heterogeneidade da sociedade, reconhece que o repertório linguístico individual do falante reflete a variabilidade social.

Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2017) ressalta que a variação sistemática é configurada como modos alternativos de se dizer a mesma coisa, quando consideramos a função referencial dessas formas equivalentes. Isto é, ao abordar a heterogeneidade, Labov (1975 *apud* BORTONI-RICARDO, 2017) referia-se a essa variação que pode ser sistematicamente explicada, concebendo-as alternativas de dizer a mesma coisa, ambas carregando o mesmo significado referencial. No entanto, o autor destaca que o estilo expressivo e a força interativa podem ser questionados quando afirmamos que dois enunciados dizem a mesma coisa.

Com o objetivo de descrever a diversidade do português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2005) propõe uma distinção entre a heterogeneidade ligada a fatores estruturais, tais como dicotomia rural/urbano, região geográfica, redes de relacionamentos sociais e outros; e fatores funcionais, como graus de formalidade, registros etc. Logo, concebe a ecologia do português brasileiro como um *continuum* de urbanização, que vai das variedades rurais até a variedade urbana culta que já sofreu os processos históricos de padronização. Ao longo desse *continuum*,

existem os dois referidos tipos de regras variáveis, quais sejam graduais e descontínuas. Diz a autora:

Regras que definem uma “estratificação” descontínua e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 40).

Nesse *continuum* pode estar situado qualquer falante, dependendo de seus antecedentes, de sua história social e de sua rede de relacionamentos. A autora amplia a proposta adotando uma metodologia dos três *continuum*, a qual foi apreendida a partir das peculiaridades da comunidade de fala brasileira e levou em conta sua formação e suas características demográficas. Além do *continuum* rural-urbano, temos o de oralidade-letramento e o de monitoração-estilística. O *continuum* de oralidade-letramento considera as práticas sociais do falante e a diversidade cultural dessas práticas; e o *continuum* de monitoração-estilística considera o grau de atenção e planejamento que o falante confere à situação de fala (BORTONI-RICARDO, 2005).

Os estudantes das escolas brasileiras, geralmente, são falantes de uma variedade denominada por Bortoni-Ricardo (2004, p. 52) de “rurbana”, intermediária entre a fala rural e a urbana. Nessa variedade estão presentes tantos os traços graduais, comuns na fala de todos os brasileiros, quanto os descontínuos, típicos dos falantes rurais. Podemos citar como exemplo de traços graduais, uma oração com objeto direto lexical (Tirei *ele* do carro), e como exemplo de traços descontínuos, o rotacismo: claro/[cra’ro]; a vocalização da palatal lateral: malha/[‘maya] etc. Os traços descontínuos são bastante estereotipados nas áreas urbanas e marcam o sujeito como não pertencente a essa comunidade. Os traços graduais, ainda que não obedeçam às normas gramaticais valorizadas socialmente, estão presentes na fala dos brasileiros conhecidos como “falantes cultos”, inclusive, na fala dos professores e demais membros da escola.

Em estudo recente, Bortoni-Ricardo e Rocha (2020) demonstraram a intensa variação na fala de alunos e professores e seus reflexos nos textos escritos dos alunos. Segundo as autoras, muitos professores ainda apresentam despreparo para antecipar ou discutir tais problemas quando eles ocorrem em sala de aula. Em outras palavras, o tema da variação ainda demanda

estudos e, por sua vez, divulgação à comunidade escolar. Os professores precisam conhecer mais sobre a valoração social de determinadas variedades linguísticas em detrimento de outras, pois como afirma Neves (2003, p. 60), a valoração “emana das relações sociais e não das estruturas e categorias linguísticas”. Essa compreensão evitaria, e muito, a disseminação de comentários preconceituosos em relação à variedade linguística dos alunos.

Embora os documentos oficiais para o ensino de Língua Portuguesa publicados no Brasil nas últimas décadas (Parâmetros Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular) e os livros didáticos já sinalizem os avanços científicos dessa área, reconhecendo, por exemplo, o fenômeno da variação linguística (e isso já é um grande passo), ressaltamos que é preciso ir além. Os livros didáticos ainda tratam o tema de modo superficial, apresentando-o em tirinhas, de forma limitada, folclorizada, focalizando apenas a variação geográfica ou as falas rurais, como destaca Faraco (2015).

É necessário que chegue aos professores o conhecimento cientificamente produzido sobre a intensa variação linguística efetivamente praticada pelos falantes brasileiros para que possam compreender que é possível ensinar a língua, tratando o fenômeno da variação de maneira planejada e sistemática. Por exemplo, ao tratar de um tema gramatical, o docente poderá verificar se se trata de uma regra variável e abordá-lo como tal, mostrando ao aluno que a língua oferece mais de uma possibilidade de expressão daquela forma linguística. Cabe a quem produz um determinado discurso (oral ou escrito) organizar qual a forma mais adequada, pontuando as condições efetivas de uso da língua que envolvem o contexto de produção/interação. O que se propõe não é ensinar variação linguística aos alunos, que já é inerente à língua. Importa saber lidar com os fenômenos que envolvem variação e preconceito linguístico em sala de aula.

Nesse sentido, acreditamos que as instituições escolares precisam propiciar aos alunos uma aproximação tanto quanto possível de seus usos linguísticos aos das variedades efetivamente praticadas pelos indivíduos com acesso à cultura letrada, sobretudo em situações mais monitoradas de fala e de escrita. Possibilitar, efetivamente, aos discentes o conhecimento da variedade culta da língua, utilizada nos meios acadêmicos, concebida neste trabalho, em conformidade com Faraco (2008, p.73), como “conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. O

domínio da expressão culta se constrói à medida que as experiências vão permitindo o acesso à cultura letrada e às variedades linguísticas utilizadas historicamente pelos que dela fazem parte.

Embora haja avanços na descrição sociolinguística do português brasileiro, demonstrando a variabilidade da expressão culta tanto na fala quanto na escrita, os materiais didáticos em sua maioria ainda a descrevem numa perspectiva muito próxima das prescrições da gramática tradicional, como atesta levantamento feito por Freire (2011). Dessa forma, não acolhem a variabilidade, nem as divergências interpretativas quando estas se apresentam nos diversos instrumentos normativos. Concordamos com Faraco (2015), para quem o fato de a escola não reconhecer a variabilidade da expressão culta e não relativizar esses fenômenos é o que faz com que os alunos carreguem consigo uma insegurança linguística para a vida toda.

3. O TRATAMENTO DO FENÔMENO GRAMATICAL NA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

A postura do professor de Língua Portuguesa, suas ações e seu compromisso social com os alunos e com a origem sociolinguística destes alunos são determinantes para o tratamento da variação linguística e do fenômeno gramatical a ser realizado em sala de aula. Isso significa que, ao abordar um fenômeno gramatical, por exemplo, o professor não o apresentará como uma única possibilidade caso tal fenômeno não se comporte de uma única forma nas variedades linguísticas brasileiras.

Podemos observar como se apresenta o sistema verbo-flexional do português para o presente do indicativo. Nas gramáticas normativas: eu canto, tu cantas, ele/ela canta, nós cantamos, vós cantais, eles cantam; nas variedades do português falado no Brasil: eu canto, tu canta (s)/você canta, ele/ela canta, nós canta (mos)/a gente canta, vocês canta (m), eles/elas canta(m). Ou seja, o sistema verbo-flexional que está sendo utilizado pelos falantes do português brasileiro já apresenta formas que se diferenciam do que é apresentado tradicionalmente nos compêndios gramaticais.

Numa perspectiva Sociolinguística, esse sistema pode ser abordado a partir de atividades que levem os alunos a reconhecerem quais as formas linguísticas que utilizam diariamente em seus processos comunicativos e como elas poderiam ser usadas em situações mais monitoradas de uso da língua. Não simplesmente uma mera exposição do paradigma

apresentado nas gramáticas tradicionais, que muitas vezes trazem formas em desuso e até desconhecidas pelos alunos.

Partindo de situações efetivas de uso da língua, o professor (a) tem mais chance de chamar a atenção dos alunos para as regras variáveis, por exemplo. Levar o aluno a observar o seu sistema flexional e compreender que ele apresenta variações significa orientá-lo a tomar consciência da variação sistemática inerente à língua, proporcionando-lhe a reflexão sobre questões de adequação. É possível ensiná-lo que, ao falante, é possibilitada a escolha de qual forma é mais adequada a um determinado contexto de uso ou situação comunicativa. Dessa forma, o tratamento da variação linguística e a abordagem gramatical que se realizam em sala de aula estarão diretamente relacionados às concepções de língua e de gramática que tem o professor.

Nesse estudo, entendemos a língua como atividade de interação e a gramática como um fenômeno que se constitui nas atividades verbais realizadas por seus usuários, os quais na interação linguística vão criando normas, usos regulares, que surgem de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes. O ensino da gramática de uma língua não se reduz ao estudo das nomenclaturas e classificações de seus termos, visão esta simplista sobre língua e gramática. Recomenda Perini (2016) que o ensino de gramática, no nível Médio de escolaridade, deve incitar a reflexão científica dos alunos, ou seja, trata-se de não apenas explicitar os conhecimentos linguísticos que eles têm, mas propor categorias, analisar as que já existem, compará-las com os dados linguísticos efetivamente realizados e questioná-las, promovendo a sistematização desses conteúdos por parte dos alunos. Esse posicionamento traz muitas semelhanças ao que se denomina de trabalho reflexivo com a gramática, como propõe Travaglia (2002), Geraldi (2006) e Vieira (2017).

Diz Vieira (2017) que uma abordagem interativa e reflexiva de gramática, em que os componentes gramaticais sejam atrelados ao texto para desenvolver a competência de leitura e produção de textos, precisa: "(i) desenvolver o raciocínio científico sobre a estrutura gramatical e (ii) observar o funcionamento social da língua." A autora propõe que os fenômenos linguísticos sejam focalizados como: "(i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido do texto; e (iii) instâncias de manifestação de normas/variedades." (VIEIRA, 2017, p. 71). Para fazer uma análise reflexiva sobre a língua, o

professor precisa relacionar o conhecimento que o aluno já tem sobre determinado tema gramatical ao que vai ser apresentado. Precisa também entender a conexão desse tema com a relação de sentidos no texto e, por fim, precisa saber se é um tema variável em relação aos usos ou não.

A autora entende que um trabalho com as estruturas gramaticais, por meio de atividades linguísticas (em que o falante, ao interagir, faz uma reflexão automática e implícita dos recursos comunicativos que utiliza), epilinguísticas (quando o falante interrompe o curso da interação comunicativa para tratar dos recursos linguísticos ou de aspectos da própria interação) e metalinguísticas (aquelas em que a própria língua se torna o assunto da interação) implica reconhecer as construções linguísticas como produtoras de sentido, elementos carregados de significação que, quando interligados sequencialmente e de maneira lógica, dão forma aos textos.

A integração gramática e texto com as questões relacionadas à variação linguística e às atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas permitirão uma conscientização pelos alunos sobre os recursos que podem utilizar, os quais variam em função dos gêneros e da monitoração estilística. Dessa forma, a abordagem gramatical poderá associar naturalmente metalinguagem, atividades linguísticas e epilinguísticas a serem desenvolvidas em sala de aula como ferramenta para o processo de elaboração do saber linguístico.

Considerando pertinentes essas orientações no processo de ensino e aprendizagem de uma língua, no caso específico de Língua Portuguesa, Cyranka (2015, p. 34) questiona: “É possível desestabilizar a tradição do tratamento escolar dado ao “ensino” de português e, efetivamente, construir uma “pedagogia da variação linguística”¹, conforme propõe Faraco (2008)?”. Acreditamos, pois, que a revolução que queremos para o ensino de língua precisa começar em nós professores. Sabemos também que o processo de formação inicial e contínua docente, bem como as políticas linguísticas efetivamente praticadas no país reflete diretamente nos conhecimentos construídos na *práxis* pedagógica professoral. Na próxima seção, apresentaremos a abordagem qualitativa da pesquisa etnográfica como alternativa teórico-

¹ Faraco e Zilles (2015, p. 9-10) explicam que, quando tratam de “pedagogia da variação linguística”, não estão propondo “uma pedagogia da língua materna composta de módulos autônomos, mas tão somente estimulando uma reflexão focada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de português”, sem desconsiderar uma perspectiva integradora das diferentes dimensões desse ensino.

metodológica adequada às investigações que visam descrever e analisar as interações praticadas no interior da escola, pontualmente na sala de aula.

4. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A natureza do nosso objeto de estudo configura uma pesquisa qualitativa cujo objetivo é analisar o tratamento dado à variação linguística e aos aspectos gramaticais em aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio de uma escola pública do estado do Piauí. Dentre as diferentes vertentes das pesquisas qualitativas, há as que categorizam interpretações e ações de sujeitos no decorrer das investigações. Uma delas é a etnografia, estudo denso de povos/comunidades e de suas culturas, em diferentes contextos de vida, no nosso caso, a escola (GEERTZ, 2008). Essa perspectiva investigativa na sala de aula “busca construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva” da vida nesses espaços, que são os contextos por excelência para a aprendizagem (BORTON-RICARDO, 2008, p. 42).

O trabalho de campo para a coleta de registros se constituiu nos dados dessa pesquisa temporalmente nos meses de abril e dezembro do ano letivo de 2021 em turmas de 1ª e 3ª série do Ensino Médio, após termos cumprido todas as etapas de inserção de documentos na Plataforma Brasil, quando a pesquisa finalmente foi liberada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí. As observações ocorreram tanto em salas de aula *on-line* quanto em salas de aula presenciais. Durante as observações, realizamos gravações em áudio dos eventos de fala em sala de aula e gravações em áudio e vídeo das entrevistas, além do registro escrito no diário de campo.

Considerando os objetivos propostos neste estudo, a entrevista informal ou semiestruturada foi um instrumento bastante utilizado em nossa pesquisa enquanto forma de interação entre nós e os interlocutores. Além das entrevistas e observações, construímos o diário de campo para ser o lugar de registro das interações, das falas, dos movimentos, das leituras e atividades realizadas, dos tempos, espaços, enfim, das observações que se desenvolveram durante a nossa investigação, ou seja, do que vimos, ouvimos e vivemos no contexto escolar. A seguir, analisamos e descrevemos os eventos de fala em aulas de Língua Portuguesa.

5. ANÁLISE, DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS EVENTOS DE FALA NAS TURMAS DE 1ª E 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nesta seção, descrevemos e analisamos eventos de fala de professores e alunos em interação nas aulas de Língua Portuguesa. Buscamos observar, registrar em diário de campo e gravar, com uso de smartphone, o tratamento da variação linguística e do fenômeno gramatical em turmas de 1ª e de 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública do Piauí. Ressaltamos que este trabalho consiste em um recorte de nossa pesquisa de doutorado, cujas observações tiveram início em abril de 2021 em turmas de 1ª e 3ª série em aulas *on-line* (em plataformas virtuais como o *Google Meet*), motivadas pela adequação das escolas à pandemia da Covid-19. No período de agosto a dezembro, as aulas passaram a acontecer de forma híbrida, ou seja, *on-line* e presenciais.

É importante mencionar que um evento, de acordo com Hymes (1972), constitui-se de atividades ou aspectos de atividades, administrados por regras no uso da fala. Conforme explicita o autor, todo evento se constitui de início, meio e fim. No entanto, embora as gravações dos eventos de fala tenham ocorrido durante toda a aula, consideramos que, no espaço de um artigo, precisamos fazer recortes destes eventos, selecionando trechos específicos que refletissem as regularidades dos processos observados em sala de aula.

Os participantes dos eventos observados são as professoras das referidas turmas e seus respectivos alunos. Os alunos da 1ª série têm idades que variam entre 14 e 15 anos, os da 3ª série possuem entre 16 e 17 anos. Nesses eventos, **P1** indica a fala da professora da 1ª série, a qual é Licenciada em Letras Português, com Especialização em Estudos Linguísticos e exerce há 22 anos a docência e, **P2**, a fala da professora da 3ª série a qual também é Licenciada em Letras Português, com Especialização em Literatura Brasileira e exerce há 21 anos a docência no Ensino Médio. A fala dos alunos está indicada com **A.** (um aluno) ou **As.** (vários alunos). Os nomes dos alunos mencionados pelas professoras foram substituídos pelas iniciais. Foram usados os sinais próprios da pontuação para indicar o contorno entonacional. Ambas as professoras têm antecedentes rurais, mas, como residem há muito tempo na cidade, podemos dizer que são falantes de uma variedade “rurbana”, intermediária entre a fala rural e a urbana, conforme denomina Bortoni-Ricardo (2004, p. 52).

Nossa pesquisa voltou-se para análise e interpretação das práticas pedagógicas em que foi evidenciada, nos eventos de aula, a variação como fenômeno inerente à língua, bem como para os eventos em que as categorias gramaticais foram evidenciadas, a fim de compreendermos qual tratamento tem sido dado a esses fenômenos no ensino de Língua Portuguesa. Dessa forma, analisamos como diferentes estratégias, posturas, concepções e práticas pedagógicas se manifestam no contexto do Ensino Médio de escola pública.

5.1. O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO FENÔMENO GRAMATICAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - 1ª SÉRIE

Nos eventos de fala observados na turma de 1ª série, a variação linguística foi abordada a partir da exposição do conteúdo em *slides* e de atividades propostas pelo livro didático. A professora da 1ª série, em aula on-line, expôs o conteúdo “Variedades Linguísticas” por meio da apresentação de *slides* com figuras de produtos típicos do estado do Piauí (“carne de sol” e “bolo de sal”) a fim de explicar que esses produtos têm outros nomes em outras regiões, tratando da variação geográfica ou regional. Na sequência dessa exposição, a professora tratou de conceitos sociolinguísticos importantes tais como a noção de relativismo cultural, de variação linguística como inerente a qualquer língua, a noção de adequação da produção linguística, preconceito linguístico e de como ser um falante competente.

Ressaltamos que, em uma de nossas entrevistas, a professora da 1ª série destacou que vê a língua como um fenômeno heterogêneo que envolve variação e mudança, em suas palavras: “uma língua se constitui de diferentes variedades” (P1, 2021). Essa concepção se manifesta no seu discurso também em sala de aula, quando expõe para os alunos que não precisam ter vergonha da forma como falam, pois segundo ela “a nossa fala diz muito da nossa história, de nossa origem, de quem nós somos.” (P1, 2021). Diz isso exemplificando para os alunos sua própria origem sociolinguística.

Após a apresentação dos *slides* e discussões sobre essas questões, a professora propôs uma atividade do livro didático, na qual constavam questões interpretativas e discursivas sobre a canção de Luís Gonzaga e Zé Dantas, “Vozes da seca”. Nas questões, observamos a intenção de levar os alunos a perceberem a evolução histórica de palavras da nossa língua, como: vossa mercê > vosmicê > mercê > você e de levá-los a comparar expressões de tratamento usadas no texto (seu dotô, vosmicê e mercê) com expressões usadas por eles, atualmente. Tais questões

requerem da professora uma explicação sobre as mudanças pelas quais passam a língua ao longo do tempo e da interferência de diversos elementos, os quais foram abordados em diálogos, atividades e aulas expositivas. Na referida atividade, observamos que uma das questões tratava de concordância verbal, buscando levar os alunos a perceberem a concordância entre o sujeito e o verbo em expressões retiradas do texto, das quais apenas uma trazia a regra de concordância em conformidade com o que prescreve a gramática normativa.

Compreendemos que a elaboração da questão tinha como intenção a percepção pelos alunos de que não há uma regra comum para a concordância em todas as expressões. Dessa forma, eles poderiam compará-las, observando qual delas mais se aproxima de uma das variedades usadas pelos falantes cultos, percebendo, com a mediação e o auxílio da professora, que se trata de uma regra variável. Por fim, chegariam à sistematização da regra geral de concordância verbal. No entanto, nessa questão, apenas foi explorado pela professora o item “a”, o qual pedia que os alunos reescrevessem as orações de acordo com as regras da “norma-padrão escrita”.

Nesse aspecto, percebemos que levar os alunos a escrever as expressões de acordo com o que prescreve a “norma-padrão” era mais relevante do que proporcionar esse conhecimento de regra variável. Isso nos leva a concluir mais uma vez que o tema da variação não é compreendido em sua totalidade, pois não é devidamente relacionado aos temas gramaticais. Parece haver uma lacuna na área de formação do professor de língua, no que diz respeito à relação entre o conceito de variação, como algo inerente e próprio a toda e qualquer língua, e como isso deve ser articulado ao tratar dos aspectos textuais e gramaticais em sala de aula. Nas questões propostas e discutidas em sala de aula, não pudemos deixar de observar que os textos e exemplos sempre utilizam as falas do homem nordestino, do sertanejo para fazer referência às questões de variação, como se somente nessas falas houvesse a presença de regras variáveis. Vejamos um trecho do evento de correção da atividade em que a professora lê as questões propostas pelo livro e pede que os alunos respondam:

P1. Então, vamos pra 7ª questão, mas se tiverem alguma divergência pode dizer. (Lê a questão) “Observe estas ocorrências: os nordestino, os rio, os juru. Elas exemplificam uma regra própria da fala de algumas variedades do português brasileiro. Qual é essa regra?” Alguns brasileiros falam “os nordestino”, como é que a gente explicaria essa regra? “Os” tá em que? Singular ou plural?

A. Plural

P1. Plural, né!

P1. Nordestino?

A. Singular

P1. Como é que a gente tenta explicar essa regra? Com a marcação de que? (Os alunos ficam em silêncio). Ninguém quer explicar?

A. Os artigos ficam no plural, os substantivos ficam no singular.

P1. Isso! É verdade, né? Alguns falantes da Língua Portuguesa no Brasil falam assim, com a marcação apenas no primeiro elemento

A. Sim

P1. Quando a expressão é formada por artigo mais substantivo marca só o primeiro elemento, só o artigo que vai pro plural, o outro fica no singular. Então, é isso aí.

P1. (continua a leitura) “Levante hipóteses: Em *juru*, o que explica a troca do *o* pelo *u* na segunda sílaba da palavra?”

A. O sotaque nordestino

P1. Isso, a pronúncia, né? O sotaque, a forma de falar...realmente as pessoas não falam o [ó], jur[ó], é jur[u], em vez de falar menin[ó], falam menin[u]. Então, é a questão da pronúncia.

Na questão apresentada acima, os exemplos “os nordestino”, “os rio”, “os juro” trazidos no texto, em que o plural é marcado apenas no determinante, podem ser observados na fala de qualquer brasileiro, dependendo da situação de comunicação, do gênero, da modalidade, ou seja, não podem ser apresentados como uma regra presente somente na fala do nordestino. Em questões como essas, a professora poderia ter sido mais enfática, mostrando que a concordância nominal também é uma regra variável, que dependendo da situação comunicativa, dos interlocutores, do gênero, da modalidade, até mesmo pessoas escolarizadas marcam apenas o artigo com a forma plural.

Ademais, conforme propõe Faraco (2015) que, para tratar da variação de forma mais aprofundada, é necessário levar os alunos a conhecerem um pouco da história do português brasileiro, das mais de 200 línguas que são faladas aqui e da relação dessa diversidade com o processo de formação histórico e cultural do nosso povo. Estimular os alunos a refletirem sobre essa relação possibilita identificar melhor as razões de tamanha variação e, conseqüentemente, tomarem consciência de que é preciso respeitar as diferentes manifestações linguísticas.

Nas entrevistas com as docentes, ao perguntarmos sobre como é realizada a abordagem dos aspectos gramaticais, a professora da 1ª série deixou evidenciado que “a gramática aparece junto no texto” (P1, 2021), por isso ela diz que a preocupação maior em suas aulas é com os

processos de leitura, de interpretação e de produção de textos. Observamos ainda que as categorias gramaticais são abordadas, geralmente, quando aparecem nas questões de leitura e interpretação de textos propostas no livro didático. Isso contribui para que as categorias não sejam abordadas de forma mecânica e classificatória. A professora demonstra entender que o ensino de gramática deve estar atrelado ao texto, como propõe a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e como já orientavam os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), acompanhando o discurso de estudiosos da área, por exemplo, Galdi (2006), Antunes (2014), Vieira (2017) etc. Entretanto, falta uma análise linguística mais aprofundada dessas categorias, que vá além do que propõe o livro didático, que além de levar os alunos a questioná-las, torne-os capazes de sistematizá-las como propõe Perini (2016).

5.2. O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO FENÔMENO GRAMATICAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - 3ª SÉRIE

Na 3ª série observamos um evento em que a Variação Linguística foi abordada como revisão, a partir de questões propostas nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM de anos anteriores. A professora da 3ª série também abordou o tema da variação como objeto de ensino e justificou: “olhe, esse não é um conteúdo do 3º ano, é um conteúdo do 1º, mas como o ENEM sempre cobra esse conteúdo, eu decidi fazer essa revisão” (P2, 2021). A atividade consistiu na leitura de textos pelos alunos e na identificação dos tipos de variação linguística predominantes nos textos (variação histórica, variação diatópica, variação etária, social etc.). Observamos que a predominância da abordagem ficou restrita aos comentários a respeito dos fatores de natureza externa ao sistema linguístico que podem motivar a variação, mas faltou um aprofundamento sobre a valoração social de determinadas variedades em detrimento de outras. Percebemos que, além do livro didático, a professora considera as questões do ENEM como modelo para as atividades propostas.

Em um evento de fala em aula presencial na turma da 3ª série, observamos que a variação recebe acentuada valoração negativa por parte dos alunos, que não a veem como natural, indicadora da cultura das comunidades. Isso pode ser reflexo das características do processo interacional a que foram expostos ao longo de sua escolaridade, baseado na cultura do “erro”. No evento em questão, os alunos deveriam apresentar oralmente trechos de obras

regionalistas (poesia e/ou prosa), para explicar a linguagem, a temática e a religiosidade presentes na obra. Uma das alunas usou o trecho de “Vidas Secas” para dar exemplo da linguagem utilizada pelo autor:

A: [...] E por fim a gente vai falar um pouco a respeito da linguagem: “Sinhá Vitória aprumou o espinhaço e agitou o abano”, aí a gente vê alguns aspectos importantes na questão da linguagem, dos vícios da fala e da questão da região, de algumas expressões regionalistas. (ALUNA DA 3ª SÉRIE, 2021).

A aluna seleciona e lê o trecho para a turma, depois comenta que no trecho lido é possível verificar os “vícios da fala”, expressão que ela substitui por “expressões regionalistas” demonstrando compreender que expressões próprias de um grupo social são consideradas “vícios de fala”. Percebemos a necessidade de explicar aos alunos que regionalismos não são vícios de fala; expressar-se dessa forma pode revelar preconceitos contra a fala de grupos sociais e de pessoas de uma determinada região. Além disso, seria uma excelente oportunidade para levar os alunos a perceberem que os usos da língua são adequados às condições socioculturais dos falantes e às condições de produção do texto (oral ou escrito). Nesse evento, a professora deixa de trazer para o debate que a variação reflete a histórica desigualdade social de nosso país e de considerar a realidade sociolinguística brasileira na qual há um *continuum* quanto à realização das marcas que caracteriza a distribuição das variedades brasileiras das mais rurais e populares às mais urbanas e cultas (BORTONI-RICARDO, 2005).

Tratar dos aspectos gramaticais, desvinculando-os de questões relacionadas ao caráter variacionista da língua, significa ter uma compreensão de língua ainda muito presa ao que é apresentado pelas prescrições da gramática normativa e às construções linguísticas que esses instrumentos trazem como modelos. Na turma de 3ª série, em um evento cujo propósito era ensinar a concordância verbal, pudemos observar como a abordagem de um fenômeno gramatical, na perspectiva do ensino de gramática tradicional, pode trazer dificuldades tanto para os alunos quanto para os professores. No referido evento, a professora apresenta *slides* com regras da gramática normativa para a concordância verbal e, em seguida, apresenta orações para que os alunos completem com o verbo adequado, fazendo a concordância em conformidade com tais regras quando é questionada por uma aluna:

A. Professora, ali no item 3, “Os sertões” eu só queria tirar uma dúvida, eu falei, mas acho que a senhora não escutou, no caso, a gente sabendo

que se trata do livro “Os sertões” é se eu utilizasse “Os sertões imortalizou Euclides da Cunha” me referindo a “o livro” taria errado? Tipo a gente sabendo que se trata de “o livro”...

P2. Não, não, não eu tenho que ver... não, a regra diz que você tem que colocar o verbo no plural, viu, no plural, não coloque no singular.

A. Certo.

P2. Você pode colocar no singular, se o especificador aqui, no caso o livro “Os sertões”... mas só que o livro “Os sertões” ele não tem como você colocar esse “Os sertões” porque o título do livro é “Os sertões”.

A.: E se eu colocar entre aspas?

P2. Se você colocar entre aspas...é agora você me pegou...não, se você colocar...

A. Se a obra “Os sertões” estiver entre aspas?

P2. É hunrum... aí dá certo porque você colocou entre aspas, isolou ele, e coloca um especificador aqui, aí o que foi que aconteceu? Você colocou “o” o artigo, “o”, então ele vai para o singular, porque a regra diz: se antes das palavras escritas que devem ser escritas no plural, que não tem como, e tiver um especificador antes, no singular, então, o que que acontece? O verbo vai concordar com o especificador que está antes, no caso, ficaria como esse aqui “Amazonas” está no plural aí você ia, ia isolar ele aqui e ia colocar “O”, né? O “Os sertões” aí ficaria certo, tá bom? Se o especificador estivesse aqui antes, ficaria como aqui “O amazonas” certo? [...]Entenderam?

A. Sim.

Percebemos nesse evento de fala o imbróglio causado pela pergunta da aluna e a insegurança da professora, pois toda a sua explicação havia sido baseada nas regras normativas de concordância verbal, regras fechadas, invariáveis, que nem sempre condizem com as que se manifestam na língua em funcionamento. Nesse caso específico, podemos ressaltar que a pergunta da aluna faz referência ao que se denomina “concordância ideológica”, perfeitamente admissível em qualquer variedade da língua. Vale mencionar que, ao realizarmos um ensino de língua preso às regras da gramática normativa, podemos encontrar dificuldades para explicar os diferentes usos linguísticos por se tratar de uma regra variável como é a da concordância e que depende de fatores linguísticos e extralinguísticos. Esses manuais apresentam regras diferentes para o mesmo fenômeno e aqui está o problema: tais regras não são apresentadas como possibilidades, mas como dicotomias, ou seja, o que é “correto” para um gramático pode ser considerado “errado” para outro. Em síntese, o que parece mais fácil torna-se menos eficiente.

Os eventos em análise e a própria concepção de ensino de língua apresentada pelas docentes nos levam a crer que as nossas interlocutoras detêm o conhecimento de que a análise dos recursos gramaticais deve fazer parte das aulas para oferecer suporte ao desenvolvimento

das habilidades de leitura e produção de textos (orais e escritos), não como fim em si próprio; contudo têm dificuldade em operacionalizar esse conhecimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises revelaram que, embora as professoras afirmem (re)conhecer os processos de variação e mudança linguística como inerentes a toda e qualquer língua, conscientes de que as regras variáveis aparecem tanto no seu repertório quanto no dos alunos, ainda realizam em sala de aula uma abordagem da variação/diversidade linguística quase sempre como objeto de ensino, tratando mais especificamente da variação regional e das diferenças entre oralidade e escrita como fazem os livros didáticos. Vimos que o conhecimento sobre o conceito de variação/diversidade linguística endossado pelas docentes ainda carece de aprofundamento, pois não demonstra a conscientização de que a variação resulta das desigualdades sociais.

Ainda predomina em sala de aula o enfoque nas expressões linguísticas próprias da norma-padrão escrita sem que haja um debate que leve os alunos a compará-las as suas expressões linguísticas e de seu grupo social com as delas, e a observar quais mais se aproximam de uma das variedades usadas pelos falantes cultos para, desse modo, fazê-los perceber se se trata de uma regra variável ou não. E, por fim, leva-los à sistematização de determinada regra. Ou seja, as docentes reconhecem que as regras variáveis estão presentes na fala, mas, ao trabalharem com os aspectos gramaticais (especialmente das expressões escritas), não trazem as diferentes possibilidades para serem analisadas e comparadas em sala de aula. Os dados permitem afirmar que o tema da variação ou diversidade linguística não é compreendido em sua totalidade haja vista que o fato linguístico não é abordado em toda a sua dimensão social e linguística.

A compreensão de que a diversidade mais significativa na variedade da Língua Portuguesa no Brasil se deve principalmente às diferenças sociais é fundamental para uma mudança de postura e da abordagem do fenômeno em sala de aula, inclusive, para combater a crença de que variação é desvio, “erro crasso” como atestam alguns juristas e gramáticos. Percebemos em todos os eventos que trataram da variação/diversidade linguística a necessidade de empreender um diálogo aprofundado sobre a importância do conhecimento da realidade plural brasileira em todas as expressões socioculturais, inclusive no uso da língua. Somente considerando a nossa realidade sociolinguística, é possível promover um ensino de língua menos

prescritivo em que a análise linguística das expressões cultas seja respaldada pela observação flexível dos fatos linguísticos passíveis de variação e de mudanças. Desse modo, é preciso promover essa integração da gramática com o texto e com os aspectos relacionados à variação. Precisamos levar os alunos a comparar aspectos específicos dos seus usos linguísticos com as variedades cultas que eles precisam aprender, sempre de modo contextualizado e atendo às relações entre os diferentes falares numa dimensão social mais ampla.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M.; ROCHA, M. do R. O ensino de Português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: contexto, 2020.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997, p. 19-41.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular Educação é a Base – Ensino Médio**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso 20 de dezembro de 2020.

CYRANKA, L; F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2015.

COSTA, C. de S. S. M. da. Fonética e Fonologia no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. In: COSTA, C. de S. S. M. da. (Org.); LOPES, I. A.; MACHADO, M. da C. **Linguística e Ensino da Língua Portuguesa: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica**. Teresina: Edufpi, 2000. p. 230. p.19-69.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FREIRE, G. C. Considerações sobre o ensino de clíticos. **Anais do SIELP**. Uberlândia: Edufu, v. 1, n. 1, pp. 377-84, 2011.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI et al. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, S. (orgs.). **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1972, p. 271.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola**. São Paulo: Contexto, 2003.

PERINI, Mario. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PHILIPS, S. U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. Rev. e ampl. Tradução de Paula Fatur-Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2013 [1976].

VIEIRA, S. R. Três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA (Orgs.) **Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017. Disponível em: <http://www.posvernaculas.lettras.ufrj.br/images/Posvernaculas/10-publicacoes/E-book%20Gramatica/Gram%C3%A1tica-Variacao-e-Ensino.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

Darkyana Francisca IBIAPINA

Doutora em Letras, área de concentração em Linguística pela Universidade Federal do Piauí; Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2011); Especialista em Docência do Ensino Superior pela UESPI (2003); Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí (2001); Licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (2002). É membro do Grupo Linguagem, Educação e Sociedade (LES), da UFPI. Atualmente é professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria Estadual de Educação do Piauí, da Faculdade de Ciências Aplicadas Piauiense (FACAPI) e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal do Piauí (IFPI).

Catarina de Sena Sirqueira Mendes da COSTA

Possui Licenciatura em Letras/Português pela Universidade Federal do Piauí (1975), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979), Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e Pós-Doutorado em Linguística (2012). Atualmente é professor Associado, nível IV, da Universidade Federal do Piauí, lotada na Coordenação de Letras Vernáculas e no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGEL /UFPI. É sócio efetivo do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE); é sócio efetivo da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN); é socio efetivo da ANPOLL no GT de Sociolinguística. Tem experiência em Linguística, com ênfase em Sociolinguística, atuando principalmente nas seguintes áreas: Variação Linguística, Oralidade e Letramentos.

Tradução: Josivan Antonio do Nascimento

Recebido em 05/dezembro/2022 - Aceito em 16/janeiro/2023.